

A SELEÇÃO LEXICAL NA ELABORAÇÃO DO DISCURSO LITERÁRIO: UM JOGO ENTRE A OPACIDADE E A TRANSPARÊNCIA DA LÍNGUA

Anete Mariza Torres Di Gregorio (UNIABEU e UNIG)
anetemariza@ig.com.br

No uso corrente, léxico e vocabulário são tidos como termos equivalentes: unidades lexicais que designam um conjunto de palavras. Alguns especialistas dos estudos da língua(gem), entretanto, esforçam-se por diferenciar os dois termos, dentre eles, os citados por Charaudeau & Maingueneau (2004, p. 494): Müller, estatístico que correlaciona o *léxico* ao que Sausurre⁶⁶ denomina *língua* e diz que o *vocabulário* inscreve-se na *fala*, isto é, no discurso; Wagner, lexicólogo que estabelece uma relação de inclusão entre o léxico e o vocabulário, definindo o primeiro como o “conjunto de palavras por meio das quais os membros de uma comunidade linguística se comunicam entre si”, e o segundo, como “um domínio do léxico que se presta a um inventário e a uma descrição”.

Charaudeau e Maingueneau lembram ainda que há estudiosos que não tornam problemática essa bipartição, como Picoche, que propõe designar *léxico* como o “conjunto de palavras que uma língua coloca à disposição dos locutores”, e *vocabulário* como o “conjunto de palavras utilizadas por um dado locutor em dadas circunstâncias”.

Tais distinções são inócuas, pois, em linhas gerais, constata-se um traço comum, subjacente a elas: a ideia de que existe uma lista de palavras. Em linguística, todavia, emprega-se geralmente o termo *léxico*, concebido não só como o inventário total de palavras de que os falantes podem dispor, mas também, consoante Trask (2004, p. 155), como “um conjunto de recursos lexicais, que incluem os morfemas da língua e mais os processos disponíveis na língua para construir palavras com esses recursos”.

⁶⁶ De acordo com Ferdinand de Saussure (1973, p.22/27), a língua “é social em sua essência e independente do indivíduo; [...] existe na coletividade sob a forma duma soma de sinais depositados em cada cérebro, mais ou menos como um dicionário cujos exemplares, todos idênticos, fossem repartidos entre os indivíduos”; enquanto a fala “é, ao contrário, um ato individual de vontade e inteligência, [...] é a soma do que as pessoas dizem”.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Ao trazer à luz essas noções, intenciona-se chamar a atenção para as relações assimétricas que se estabelecem em maior ou menor grau no jogo interativo, em função de diferentes saberes e aproveitamentos do léxico de uma língua por parte do locutor e do interlocutor. Por ser uma pesquisa de Língua Portuguesa imbricada nos domínios da leitura, objetiva-se dar um lugar de relevância à seleção lexical na construção do discurso literário, não a fim de mapear as ocorrências lexicais mais frequentes na obra, separando-as em categorias morfológicas ou levando em conta a coesão textual por meio delas, por exemplo; mas com o fito de analisar suas possíveis implicações no processo de compreensão/interpretação do texto pelo leitor. Embora este reconstrua o sentido tendo como ponto de partida sinalizações presentes no enunciado produzido, sua reconstrução pode apresentar discrepância com as representações do enunciatador/escritor. Para compreender um enunciado não basta que o leitor conheça o léxico e a gramática da língua, faz-se necessário que ele ponha em movimento outros conhecimentos, levante hipóteses, reflita, arquitetando um contexto que não é fixo.

Quanto à elaboração de um enunciado (literário ou não), Maingueneau (2002, p. 20) intensifica o valor da seleção lexical:

Certamente isso não quer dizer que as unidades lexicais de uma sequência verbal não signifiquem nada, nem que suas relações deixem de orientar de maneira decisiva a interpretação. O que se quer dizer é que, fora de contexto, não podemos falar realmente do sentido de um enunciado, mas, na melhor das hipóteses, de coerções para que um sentido seja atribuído à sequência verbal proferida em uma situação particular, para que esta se torne um verdadeiro enunciado, assumido em um lugar e em um momento específicos, por um sujeito que se dirige, numa determinada perspectiva, a um ou a vários sujeitos.

Em se tratando do discurso literário, cuja natureza requer o arranjo estético das palavras e suas combinações nos enunciados, tendo em vista a harmonia da obra, é essencial a preocupação do escritor com a busca da palavra exata, aquela que sacie o seu desejo de enunciar, expressivamente, os seus pensamentos, capaz de sensibilizar – por sua clareza ou por seus mistérios – o leitor. Sem dúvida, tarefa espinhosa para o autor, conforme canta Carlos Drummond de Andrade (1986, p. 188) em seu poema *oficina irritada*:

Eu quero compor um soneto duro
como poeta algum ousara escrever.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Eu quero pintar um soneto escuro,
seco, abafado, difícil de ler.

Quero que meu soneto, no futuro,
não desperte em ninguém nenhum prazer.
E que, no seu maligno ser imaturo,
ao mesmo tempo saiba ser, não ser.

Esse meu verbo antipático e impuro
há de pungir, há de fazer sofrer,
tendão de Vênus sob o pedicuro.

Ninguém o lembrara: tiro no muro,
cão mijando no caos, enquanto Arcturo,
claro enigma, se deixa surpreender.

Além de Drummond, muitos outros escritores relataram (e relatam), em verso ou em prosa, suas experiências com as palavras. Exploradores de preciosidades literárias extraem unidades lexicais das variantes linguísticas diatópicas, diastráticas e diafásicas, bem como dos diferentes registros (que dizem respeito aos distintos graus de formalismo, às modalidades oral/escrita da língua, observando a adequação da norma: padrão culto ou não, na perspectiva do evento comunicativo ficcional. Entendem que o brilho não está na palavra em si (pertencente a esta ou aquela variedade linguística ou a um determinado registro), mas é a situação discursiva em que ela é inserida que a torna (um) brilhante, produzindo valiosos efeitos de sentido.

Termos eruditos, populares, arcaísmos, estrangeirismos, gírias, jargões, vocábulos tidos como obscenos ou injuriosos, que representam simbolicamente o mundo extralinguístico, partilhado pelos falantes de certa comunidade, todos – com suas marcas de um dado momento histórico, cultural e social – são bem-vindos ao universo do discurso literário, cujo espaço prima pela liberdade de dizer. Tal discurso, que se caracteriza por ser desconstrutor de uma ordem socialmente estabelecida, afiança o dito, o implícito e o modo que o escritor escolheu para se expressar, garantindo-lhe, ainda, um valor especial à criação neológica.

O léxico de uma língua “viva”, portanto, jamais se fixa. As constantes novidades dos avanços tecnológicos, culturais, socioeconômicos etc. da comunidade de seus usuários geram a necessidade de novos termos para designá-los, que se incorporam ao léxico, mo-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

dificando-o periodicamente. Há um fluxo de palavras: inéditas; tomadas por empréstimo de outras línguas (além das estrangeiras que, apesar da resistência dos puristas, entram no circuito, mantendo-se como tal); que caem em desuso e são arquivadas ou continuam circulando, mas com sentido distinto do original; que se estabelecem em grupos fechados (de caráter social ou profissional), diferenciando-os dos outros, porém, com o correr do tempo, atravessam esses limites e conseguem penetrar no uso comum; tudo isso atesta a natureza volátil do léxico.

Diante de sua vastidão, impossível negar que a seleção lexical na construção do discurso literário torna-se um elemento que revela a competência linguístico-textual-interacional do escritor.

Pauline Alphen, de acordo com as suas intenções discursivas, escolhe unidades lexicais adequadas ao contexto, promovendo um jogo de luz e sombra na interação com o leitor, desafiando-o a (des)fiar as redes de sentido(s) que entrelaçam os enunciados organizadores de seu texto. Sua linguagem literária estrutura-se em torno do *coloquial elaborado*, mesclando, eficientemente, *palavras raras* aos ouvidos de um leitor-iniciante (que provocam estranhamento por serem representações simbólicas de culturas distintas da realidade brasileira) com *palavras “eruditas” e coloquiais*. Nem obscura, nem excessivamente clara é a linguagem de Alphen, está na medida certa para um leitor-neófito da literatura juvenil contemporânea. Este, consciente ou não, espera ter uma das cláusulas de seu contrato de comunicação respeitada pelo autor: não aplicar o seu tempo em vão, ou seja, mais do que encantado, o leitor quer sair enriquecido de sua leitura.

O estudo do léxico em *A odalisca e o elefante* oferece bons dividendos ao aluno-leitor que, frente a cada obstáculo linguístico, usufrui o prazer de sentir o mistério da palavra, a aflição em dominá-la e a vontade de a possuir.

No presente estudo, dirige-se a atenção às *unidades lexicais raras*, “eruditas” e *coloquiais* que tecem com primor a história.

Quanto às primeiras, adota-se o ponto de vista exposto anteriormente. A título de ilustração, elegem-se fragmentos em que surgem os seguintes vocábulos: *babuchas, djins, vizires, emires, cãs*,

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

califas, paxás. Imersos no co-texto, sustentam-se nos termos circundantes que ativam no leitor possibilidades(s) de entendimento da formação.

Foi numa escorregadela mais ousada que ela rolou de cabeça num dos incontáveis tapetes que faziam do harém um labirinto acolchoado e voador. Foi dar de nariz nas **babuchas** sultanescas. Ela reconheceu logo: eram douradas. Uma mão gordinha cheia de anéis levantou-a gentilmente pelo seu colete amarelo e, [...] (12)

Escorregadela, rolou de cabeça, foi dar de nariz, douradas, uma mão [...] levantou-a são expressões que orientam a construção de sentido(s) para **babuchas**: algo que o Sultão usa nos pés, já que o termo *douradas* elimina a hipótese do personagem ter-se defrontado com os pés sultanescos, bloqueada pela concordância nominal (pés douradas?). Seriam então sapatilhas, sandálias, chinelas? Nenhuma das opções inviabiliza a compreensão do texto. Confirmar seu sentido específico [Do fr. *babouche* < ár. babug, de or. persa] de chinela oriental, sem salto, de couro ou de tecido, que deixa descoberto o calcanhar⁶⁷; passa a ser desejo de aprender, de conhecer a própria língua, testando suas reflexões sobre ela.

É preciso – conforme lembra José Carlos de Azeredo (2000, p.258) – que o professor atente para o fato de que “exercitar o pensamento e promover o entendimento da natureza, estrutura e funcionamento da língua é um objetivo de alta relevância pedagógica e filosófica das aulas de português”.

O Opulento sempre perguntava “o que é” e não “quem é”. É que ele partia de um princípio muito simples: todos os 3547 moradores do palácio lhe pertenciam. Ele os comprara, os ganhara, os herdara. Eram [...] princesas, passadeiras, poetas, padeiros, arqueiros, cavalos, caravelas, alfaiates, **djins** dentro ou fora de garrafas, sapateiros, jardineiros, camelos, árvores, escravos, fontes, pássaros etc. (12/13)

Embora a palavra **djins** cause estranhamento ao leitor, a sequência *dentro ou fora de garrafas* confere sentido ao termo, pois a-

⁶⁷ A apresentação dos sentidos das palavras analisadas deve-se à consulta ao *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. 3. ed. totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

ciona roteiros já vistos até em desenhos animados: de dentro de garrafas saem sempre gênios milenares. Para o universo de *A odalisca e o elefante*, **djins** é mais adequado do que gênio. Esta, origina-se do latim *geniu*, enquanto aquela, do árabe *ginn*, significando, na tradição e folclore árabes, entidade de poderes superiores aos humanos e inferiores aos dos anjos; gênio, espírito, demônio. Além da etimologia, a sonoridade rara da palavra **djins** valoriza a escolha lexical da escritora.

Tudo é divino e maravilhoso, pensavam os **vizires, emires, cãs, califas** e outros **paxás**, e principalmente os embaixadores estrangeiros, que nunca tinham visto tanta prata e tanto ouro, tantas tâmaras [...] (40)

Vizires, emires, cãs, califas e paxás (?) são palavras designadoras de referentes culturais desconhecidos do leitor. **Vizir**. [Do ár. *Wazir*, lit., ‘aquele que ajuda a carregar um peso’; ‘ajudante ou assessor para determinado encargo; ministro’; pelo turco *vezir* ou *vesir*, fr. *vizir*.] S.m. Nos reinos muçulmanos, ministro, governador de província, ou alto funcionário, com poderes a ele conferidos pelo soberano; aguazil.

Emir. [Do ár. *amir*, ‘príncipe’, pelo fr. *émir*.] S. m. 1. Descendente de Maomé. 2. Título dos chefes de certas tribos ou províncias muçulmanas.

Cã. [Do turco *han*, ou *Khan*, ‘senhor, chefe, sultão’, pelo mongol, pelo persa e pelo ár. (poss., de conotação deprec., em ár., dado o rigor do jugo mongol).] S.m. 1. Título de alguns chefes ou soberanos orientais. 2. Título do imperador da China, na Idade Média.

Califa. [Do ár. *halifa* (t), ‘substituto’; ‘sucessor’; ‘chefe’, ‘soberano’.] S.m. Título de soberano muçulmano.

Paxá. [Do turco *paxá*, *baxá* (título que equivale, no Ocidente, a ‘Excelência’, pelo ant. *pachá*, que veio a tomar aquela forma por infl. francesa).] S.m. 1. Título dos governadores de províncias do império otomano. 2. Entre os turcos, título elevado, que correspondia a ‘Excelência’ no Ocidente. 3. No primitivo império osmanli, o título do irmão mais novo. 4. Fig. Pop. Indivíduo poderoso e insolente; mandão. 5. Fig. Pop. Indivíduo que leva uma vida faustosa e indolente. 6. Fig. Pop. Homem que tem várias amantes; sultão.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

Ainda que não saiba os sentidos específicos das palavras em questão, o leitor norteia-se pelo SN que encerra a lista das autoridades presentes na festa: *embaixadores estrangeiros*, familiar àquele que lê. Tal sintagma irradia às demais unidades léxicas os semas de poder, comando e prestígio comuns a todas elas. Observe: *embaixador*. [Do fr. *ambassadeur*, <it. *ambasciatore*.] S.m. 1. A categoria mais alta de representante diplomático de um Estado junto de outro Estado ou de um organismo internacional. 2. Diplom. Título de ministro de primeira classe. 3. Diplom. Chefe de embaixada. 4. Qualquer pessoa incumbida de missão pública ou particular; emissário.

Quanto à palavra **paxá**, os sentidos quatro, cinco e seis são conhecidos do leitor, permitindo-lhe desenvolver outros “scripts”.

No tocante às *palavras “eruditas”*, ao triá-las, pensou-se na perspectiva do leitor-principiante, que ignora o repertório linguístico próprio à escrita literária, cuja formação advém, sobretudo, de leituras realizadas pelo escritor. Considera-se, pois, a relatividade do conceito de “eruditas”. Se uma lista idêntica de palavras for vista por um leitor-experiente, dificilmente elas serão filtradas como tal. Para exemplificar, recortam-se trechos com as palavras: *vogando, engolfando-se, esvanecente, saraivada, borbotar, abissais, caviloso, voragem, frêmito*.

Sonhou com um homem de olhos vendados, atado ao mastro de um navio, **vogando** para um lugar onde alguém já estava cansada de esperar. (29) (vogando = navegando)

Foi como se um gênio soprasse na maior concha do mundo ou como todos os ventos **engolfando-se** ao mesmo tempo na mesma garrafa. [...] (48) (engolfando-se [de engolfar: en-+golfo+-ar = meter (embarcação) em golfo] = penetrando, metendo-se em, entranhando-se)

Transtornado, Sua Impávida Senhoria manda chamar os melhores médicos e magos do sultanato e além para examinar a odalisca **esvanecente**. [...] (53) (esvanecente = enfraquecida, debilitada)

[...] Meu primeiro presente foi mostrar-lhe como fazer surgir uma nuvem de passarinhos coloridos, lembra-se? Parecidos com estes que hoje escorregam em seus cabelos – ouviu a odalisquinha, e uma **saraivada** de imagens lampejou sob as pálpebras cerradas: [...] (78) (saraivada [de saraiva + -ada] = grande porção de coisas que so-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

brevém como saraiva [granizo] ou descarga [muitos tiros disparados simultaneamente], ou se sucedem com rapidez)

[...] Solto no **borbotar** da memória que revela, no rumoroso silêncio indicando o caminho. [...] (84) (borbotar [cruzamento de borbulhar com brotar] = lançar em borbotões, jorrar com ímpeto)

[...] Tristão fingindo-se de mendigo e de louco, fantasiado de malabarista e de leproso; Tristão dando saltos **abissais**, escondendo-se sob escadas, [...] (90) (abissais = espantosos, assombrosos, enormes)

[...] – Chega! Eu [o Sultão] ordeno que parem! Snif, não auento mais tanta tragédia! Não tem mais graça. Cadê esse gênio **caviloso**? [...] (91) (caviloso = astuto, ardiloso, capcioso)

[...] A música que saía da tromba de Hati era o cheiro que sobe da terra depois da chuva, a queda que precede o sono, a água fresca que desce na garganta, o rebentar de uma árvore, a orla de uma **voragem**. (93) (voragem = qualquer abismo)

[...] Será o destino esse detalhe absurdo que muda tudo? O **frêmito** de um olhar, a cor de uma vela, um descompasso, um reflexo na água... (95) (frêmito = tremor, vibração; movimento agitado)

Se, em *A odalisca e o elefante*, o co-texto possibilita ao aluno-leitor acessar sentido(s) para as palavras raras, o mesmo não ocorre em relação às “eruditas”. Estas, espalhadas ao longo da narrativa, colocam-no em contato com o mistério da linguagem, pois as decifra, mas não as compreende. O educador deve ter em mente que, em uma obra de literatura juvenil, palavras-pedra aqui e acolá exercem um fascínio sobre o leitor, cuja sensibilização à língua aflora.

Leitura fácil, sem nenhum obstáculo concernente à linguagem, dista de ser o melhor caminho para o ensino do Português. Ao indicá-la, sem perceber, o professor de Língua Portuguesa destitui-se de sua função, anulando a relação de ensino-aprendizagem. De acordo com Fonseca (1994, p. 128), cabe à instituição escolar precisamente “privilegiar o tratamento dos tipos de discurso que, pela sua complexidade, suscitam dificuldades”, justificando a necessidade de existência da própria escola; mas, conceder-lhes privilégio também para oferecer ao discente a oportunidade de experienciar a “*resistência da língua à compreensão e à produção*”.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

O discurso literário é, indiscutivelmente, terreno fértil para o trabalho do professor de língua materna, cuja obrigação é atuar como mediador entre o leitor e a obra, criando condições dialógicas para que as palavras “eruditas” – que se tornam opacas em razão de portarem a memória do patrimônio cultural – percam sua opacidade. Orientar a busca de sentido(s) mais adequados ao contexto, bem como ensinar a estrutura das palavras e seus processos de formação estão entre os vários procedimentos adotados pelo professor a fim de que o aluno supere esses obstáculos, estimulando o desenvolvimento de sua capacidade leitora a cada novo desafio do ato de ler textos literários.

Para construir *A odalisca e o elefante*, Pauline Alphen seleciona, magistralmente, unidades lexicais *opacas* (as “eruditas”) – que desdobra, com requinte, em *semi-opacas* (as *raras*) – associando-as às *transparentes*. Estas são *palavras ou expressões coloquiais* que, por transitarem no cotidiano das interações informais dos diversos conjuntos de falantes de uma dada comunidade linguística – inclusive no dia-a-dia do grupo de que faz parte o educando – não representam barreiras para a sua compreensão textual, conforme demonstram os excertos a seguir:

Aprender a profissão de odalisca **não é bolinho**. Há muitas coisas que uma odalisca que se preze deve saber: [...] (11) (não é bolinho = não é fácil como fazer bolinho)

Apaixonar-se pelas orelhas de sete anos de um esboço de odalisca? Nenhum historiador havia registrado, astrólogo algum anunciara. Sua Intrépida Realeza **perdeu o rebolado**, atrapalhou-se todo, [...] (15) (perdeu o rebolado = perdeu a graça)

[...] Lembrou-lhe seu pai, com sua cabeça no lugar, fingindo não perceber que ela se escondia nas mangas de suas largas vestes de astrônomo para **tirar uma casquinha** de seu namoro com as estrelas. [...] (21) (tirar uma casquinha = ter parte em alguma coisa; aproveitar)

[...] O Sultão ficou até desconfiado. Mandou chamar seus quiromantes, onfalomantes, onicomantes e oniromantes e perguntou-lhes se havia algum **caroço naquele angu**. (25) (alteração da expressão angu-de-carço = coisa que dá resultado contrário ao previsto; confusão, complicação)

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

[...] e, para completar, em seus berços de ouro e prata os minúsculos príncipes e princesas **abriram o berreiro** ao mesmo tempo. [...] (37) (abriram o berreiro = choraram muito)

[...] O Incomensurável degingolou num tilintar de diamantes. Levantou-se **tiririca** e já erguia o punho quando cruzou o olhar de Hati. [...] (39) (tiririca = muito irritado, furioso)

[...] Ao fechar a porta [o Sultão], diz ainda que voltará no dia seguinte e quer encontrá-la bela e fagueira, com as orelhas resplandecentes e a história nova na **ponta da língua**. (52) (na ponta da língua = perfeitamente sabida)

– Oh, não! – disse Leila, debruçando-se para se certificar que Sua Majestade estava dormindo. – E aí? Pronto, acabou a história? – Não sei, **deu branco**. [respondeu Hati] (93/94) (deu branco = apagou da memória)

Espera-se ter demonstrado a importância da seleção lexical na elaboração do discurso literário, cujo valor artístico define-se, exatamente, pelo jogo entre a opacidade e a transparência da língua. E que a necessária assimetria entre o autor e o leitor, implicando no processo de compreensão/interpretação deste, pode ser administrada com sucesso pelo escritor por meio do *coloquial elaborado*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALPHEN, Pauline. *A odalisca e o elefante*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. 20ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1986.

AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. Coordenação da tradução Fabiana Kommesu. São Paulo: Contexto, 2004.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3ª ed. totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FONSECA, Fernanda Irene. *Gramática e Pragmática: Estudos de Linguística Geral e de Linguística Aplicada ao Ensino do Português*. Porto: Porto Editora, 1994.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. Tradução de Cecília P. de Souza - e - Silva, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 5ª ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

TRASK, R.L. *Dicionário de linguagem e linguística*. Tradução Roldolfo Ilari; revisão técnica Ingedore Villaça Koch, Thaís Cristóforo Silva. São Paulo: Contexto, 2004.